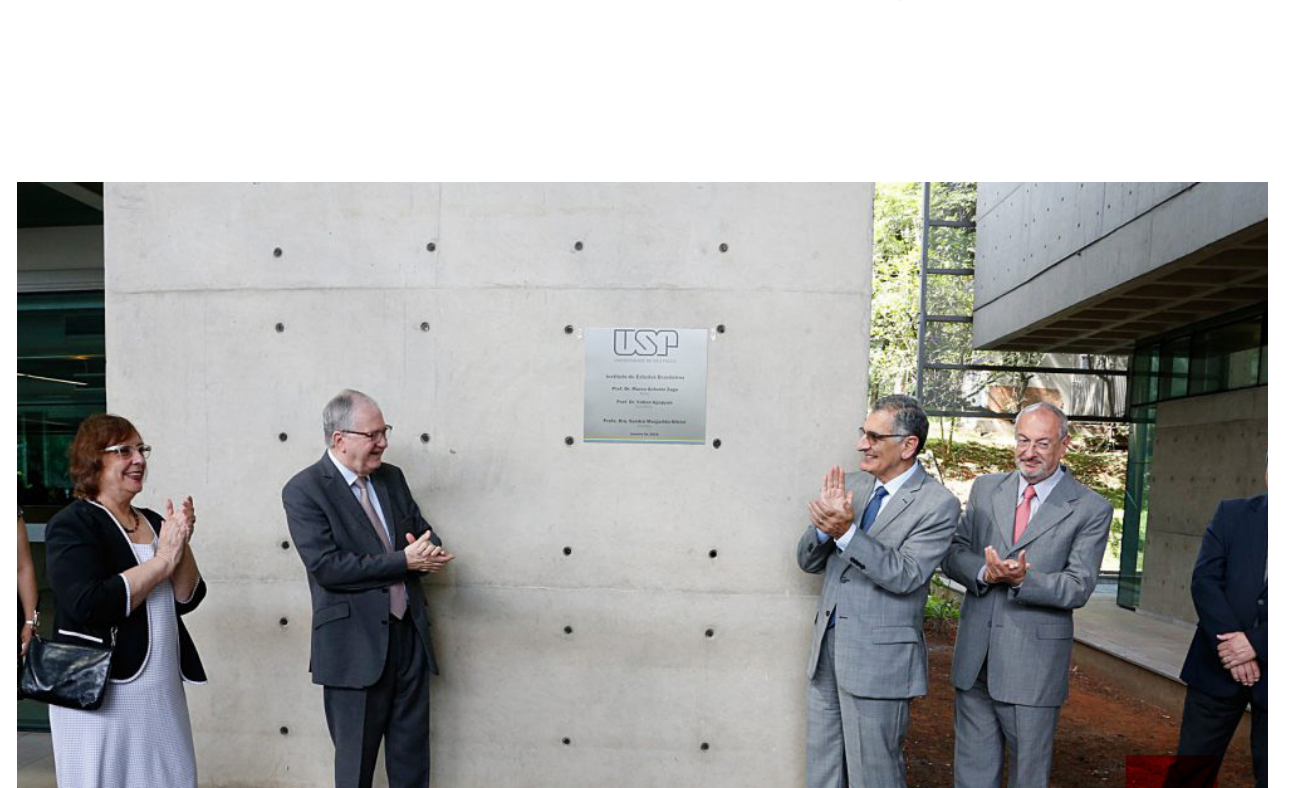
[informe)ieb

[edição 6 | abril.2018

Instituto de Estudos Brasileiros
USP

[editorial)



Sandra Nitrini, Marco Antonio Zago, Vahan Agopyan, o secretário Estadual de Educação, José Renato Nalini; e o pró-reitor de Graduação, Antonio Carlos Hernandes. Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Inauguração de novas instalações

As novas instalações do IEB foram inauguradas no dia 18 de janeiro. Na ocasião Marco Antonio Zago, reitor da USP, ressaltou a importância do Instituto, que, "desde a concepção de seu fundador, Sérgio Buarque de Holanda, tem uma missão mais nobre: a de analisar nossa história, nossa cultura, não só na perspectiva do passado, mas também como ela se reflete nos dias atuais. Trazer o IEB para um dos espaços físicos mais nobres da Universidade é reconhecer esse papel". Reproduzimos aqui o pronunciamento da diretora Sandra Nitrini na cerimônia de inauguração.

Estamos reunidos para comemorarmos as novas instalações do IEB. Este fato nos dá a certeza de que, até o final do próximo mês de maio, o IEB inteiro estará desenvolvendo suas atividades aqui, no Espaço Brasiliana, com a vinda da Biblioteca, da Coleção de Artes Visuais e do Serviço de Restauro e de Digitalização. E isso está se tornando realidade graças à recuperação do espaço que lhe fora destinado no projeto inicial, com a devolução do embasamento. Para isso contaram a compreensão e a sensibilidade do senhor, prof. Zago, e de sua equipe, que reconheceram a importância do IEB no cenário dos estudos brasileiros e das humanidades e seu direito a um espaço que lhe desse a devida visibilidade.

Sem o apoio do senhor e de sua equipe, as atividades de docência, pesquisa e extensão de nossos docentes não teriam se desenvolvido em 2017, com a qualificação dos espaços reconfigurados, como salas de aula e anfiteatros com lousas e mobiliário adequados e como os gabinetes dos docentes, com a infraestrutura que lhes é devida, tendo ocorrido o mesmo com o setor administrativo. Sem esse apoio, não estaríamos hoje tranquilos quanto à certeza de que, até meados de maio próximo, não teremos mais um IEB bipartido fisicamente, com alguns setores prejudicados, como o da Biblioteca. Embora o Arquivo, com seus 500.000 documentos, já se encontre neste prédio novo desde 2015, primeiramente alojado em locais provisórios, hoje, já se situa definitivamente instalado no lugar que lhe foi destinado, o que se tornou possível com a instalação das estantes da Biblioteca, dos arquivos deslizantes e da câmara fria.

Uma vez instaladas as estantes, condição **sine qua non** para a Biblioteca, com suas 270.000 unidades, entre livros, documentos e separatas, vir para cá, venceremos o último obstáculo, que será removido com a mudança, que contemplará também a Coleção de Artes Visuais, com seus 8.000 itens entre obras de arte, mobiliário, matrizes de xilografia e outros. O que ocorrerá em breve. Só posso enunciar esta frase no modo afirmativo, e não no condicional, porque o senhor, prof. Zago, apoiou o IEB desde o início até o fim de seu mandato, nos dando todas as condições e, inclusive, nos deixando com a verba necessária para que esta tão almejada mudança se realize.

O senhor cumpriu tudo o que prometeu para o IEB. Uma única contrapartida nos foi proposta, contrapartida de interesse institucional amplo, envolvendo toda a universidade: que reservássemos um espaço para o Projeto Core Facility e seus equipamentos, com a perspectiva de um compartilhamento coletivo de museus, institutos e unidades interessados neste projeto. O IEB também cumpriu sua palavra, e foi reservado e adaptado um espaço no embasamento, para o Core Facility, que já recebeu uma parte dos equipamentos adquiridos, à espera de montagem.

Agradeço, em nome do IEB, seu olhar e sua consideração para com nosso Instituto e também agradeço à sua equipe, em particular, ao prof. Nakao, incansável para responder com prontidão e eficiência aos meus e-mails frequentes e sempre me recebendo pessoalmente todas as vezes que solicitei. É preciso dizer: todas as minhas solicitações foram atendidas, desde aquelas grandes, que já tinham seu aval, até aquelas mais corriqueiras, como o pedido de mudança do endereço do IEB e a demarcação do estacionamento para a diretoria e vice-diretoria do IEB. Estendo os agradecimentos ao prof. Visintin, que sempre atendeu às demandas do IEB no que se refere à segurança e nos doou verba considerável para aquisição de câmeras a serem instaladas no nosso novo espaço.

Seu apoio, magnífico reitor, nestes quatro anos não se restringiu a esta importante esfera material. Faço questão de terminar minhas breves palavras referindo-me a uma louvável iniciativa de sua gestão: a de expor a riqueza dos acervos dos museus, dos institutos e das unidades, criando a galeria de exposição no saguão do andar térreo do prédio da Reitoria, com o objetivo de mostrar nossa riqueza cultural, para os visitantes da Reitoria, para a comunidade uspiana e para a sociedade. Seu convite para o IEB inaugurar esse espaço, o que aconteceu com a exposição **Traço-compassos – Mário de Andrade em caricaturas**, de 8 de abril a 10 de julho de 2015, muito honrou nosso instituto, e hoje me permito interpretá-lo como um reconhecimento, de sua parte, da importância do IEB na USP e para a USP.

O IEB não esquecerá o que o senhor fez por ele.

Sandra Nitrini
Diretora – IEB/USP

●●●

[homenagem)

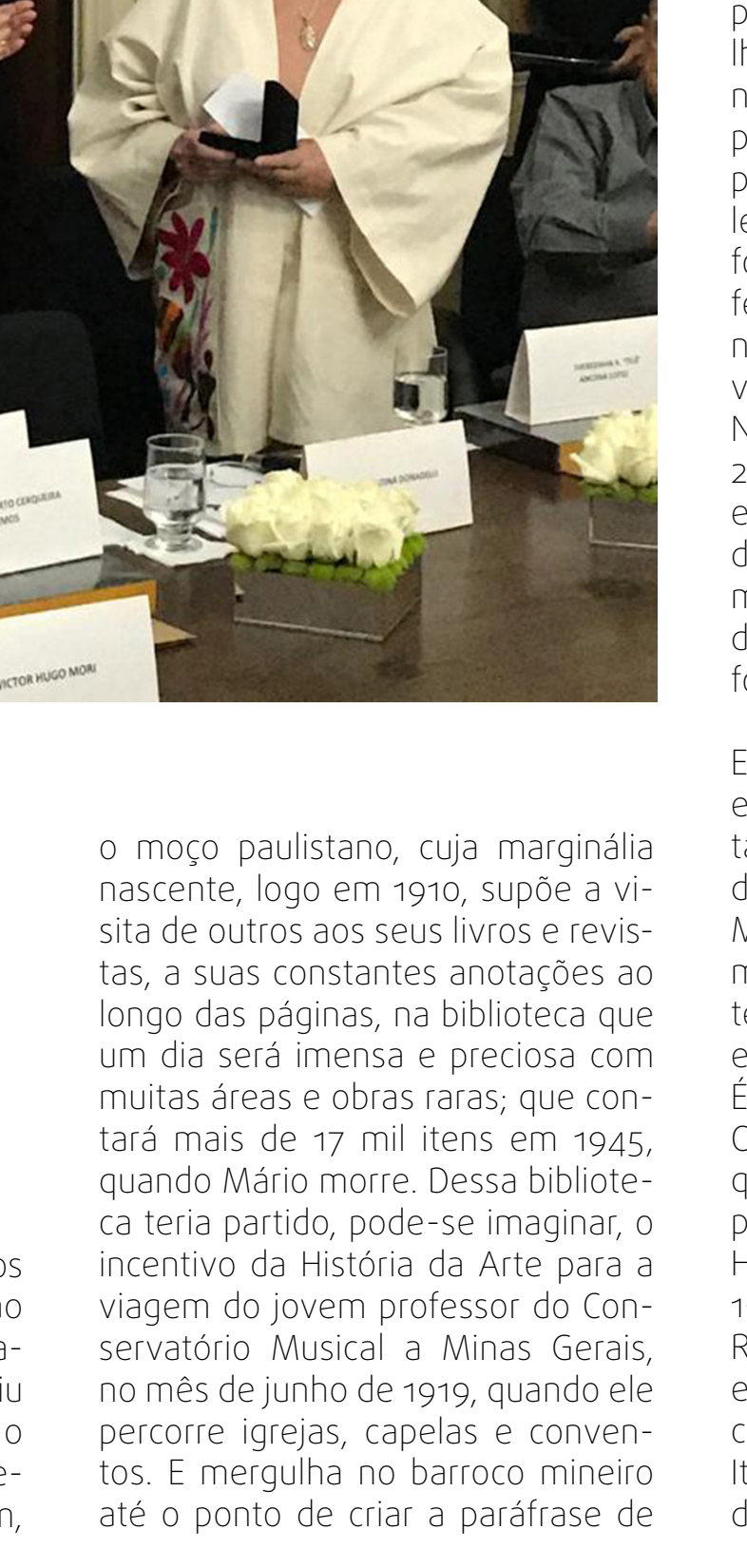
Fotos: Renato Figueiredo

Oferta da Medalha Mário de Andrade ao IEB

A entrega, ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, da Medalha Mário de Andrade com que o IPHAN me distinguiu em 11 de dezembro de 2017, traduz o meu reconhecimento e a minha reverência à instituição que, para mim, significa a acolhida do estudo sobre Mário de Andrade ao qual me vinculei e me associo para sempre (assim posso dizer "agora que a velhice avança", dobrando os 40 anos do poema).

Refletir, brevemente, sobre a atuação de Mário de Andrade perante o patrimônio histórico e artístico de nosso país equivale a transitar a indelével biografia existente em sua obra publicada e seu acervo, rede sem remate que interliga, no IEB, a biblioteca, o arquivo e a coleção de artes visuais, como parcelas conformadoras desse espólio, já tombado pelo IPHAN. E que se estende para além dos limites da entidade detentora da posse e responsável pela organização do acervo, bem como pelo acolhimento de projetos que o exploram e o difundem. Rede que alcança outros acervos, acompanhando indicações em leituras, na correspondência, em manuscritos, entrevistas e depoimentos.

Essa biografia difusa, um jogo de armar cujas peças lançam traçados diversos, sempre incompletos, parece-me presidida pelo sentido de salvaguarda dos próprios passos de polígrafo e dos caminhos de seu tempo, visando o historiar, a partilha e a abertura para a interlocução. Sentido de patrimônio marcando o moço paulistano, cuja marginália nascente, logo em 1910, supõe a visita de outros aos seus livros e revistas, a suas constantes anotações ao longo das páginas, na biblioteca que um dia será imensa e preciosa com muitas áreas e obras raras; que contará mais de 17 mil itens em 1945, quando Mário morre. Dessa biblioteca teria partido, pode-se imaginar, o incentivo da História da Arte para a viagem do jovem professor do Conservatório Musical a Minas Gerais, no mês de junho de 1919, quando ele percorre igrejas, capelas e conventos. E mergulha no barroco mineiro até o ponto de criar a paráfrase de



um texto setecentista, "O Triumpho eucharistico de 1733 (Trecho duma conferência a realizar-se na Congregação da I[maculada] C[onceição] de Santa Efigênia)", que divulga n'**A Cigarra**, em 10 de novembro do mesmo ano. A paráfrase, repetida em janeiro de 1920, abre a série de quatro artigos "A arte religiosa no Brasil", na **Revista do Brasil** (prossegue em fevereiro, abril e junho), imbuída da valorização do patrimônio.

O interesse do estudioso, que, em 1920, proclama a necessidade de preservar o convento de Itanhaém, no litoral paulista, consolida-se na viagem a Minas Gerais, a "viagem da descoberta do Brasil" em 1924, ao lado de companheiros modernistas de São Paulo, da mecenas Olívia Guedes Penteado e, principalmente, do poeta franco-suíço Blaise Cendrars. Viagem de fundamental importância, conforme revela Carlos Augusto Calil: em seu convívio com Cendrars, Mário de Andrade teria conhecido um projeto que levantou corretamente, pela primeira vez, a importância da preservação do patrimônio imaterial – junto do patrimônio material –, proposta esquecida em termos de implementação, no país, na época. Mas que, por certo, lhe teria acentuado o valor das manifestações artísticas e de práticas populares tradicionais, objeto de sua pesquisa no Conservatório e de sua leitura de obras de pesquisadores do folclore brasileiro e português. Manifestações que se insinuam também na criação do poeta moderno. Nas viagens empreendidas ao Norte e ao Nordeste do Brasil, em 1927, 1928-29, na condição de Turista Aprendiz, ele se afirmará no registro e análise de elementos do nosso patrimônio material e imaterial, como pesquisador do folclore, musicólogo, fotógrafo, diarista e cronista.

Esse Mário de Andrade é, entre 1935 e maio de 1938, o diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo que organiza a Missão de pesquisas folclóricas, promove a comemoração do cinquentenário da Abolição da escravatura e descobre o samba rural paulista. É chamado pelo ministro Gustavo Capanema para constituir o projeto que, em 1936, concorre para a implantação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1937; e atua no SPHAN ao lado de Rodrigo Melo Franco de Andrade, encarregando-se de São Paulo e circunvizinhança. Descobre, então, em Itu, a obra do pintor Padre Jesuíno do Monte Carmelo, preparando uma admirável biografia em que entra o olhar do ficcionista, livro de publicação póstuma em 1945.

Pouco destaco, sei. Eu não me proponho, aqui, o recorte aprofundado. Trabalhei e trabalho com Mário de Andrade. É prazer e alegria. Quero dizer que, para mim, o IEB representa as lições do meu mestre, Antonio Candido de Mello e Souza; os projetos e a presença do prof. José Aderaldo Castello; o olhar da Família Mário de Andrade, que me recebeu na Lopes Chaves e me apoia no meu trajeto; os pesquisadores que integraram e integram a Equipe Mário de Andrade, os alunos e os amigos com quem dialogo, especialmente Marcos Moraes, Tatiana Longo Figueiredo, Flávia Toni, Philippe Willemart, Antonio Dimas, Carlos Augusto Calil, Jorge Coli, Patrick Josef Levy; a saudade de projetos antigos com Marta Rossetti Batista, Yone Soares de Lima, Heloísa Bellotto e Yedda Dias Lima; o respaldo pontual de muitos diretores e dos funcionários, ontem e hoje.

São Paulo, 8 de abril de 2018

Telê Ancona Lopez
Professora emérita – IEB/USP

●●●

Posse na ABM

Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

A Academia Brasileira de Música (ABM) foi fundada por Villa-Lobos a 14 de julho de 1945. Tem organograma enxuto porque formado por presidente e vice-presidente, tesoureiros e revisores de contas, além dos funcionários de apoio para todas as atividades que ela fomenta: além da direção executiva, biblioteca e dos estagiários.

A sede atual, instalada na Rua da Lapa, é próxima a algumas das principais instituições musicais da cidade do Rio de Janeiro, como a Sala Cecília Meireles, o Museu da Imagem e do Som e a Escola Nacional de Música. Suas 40 cadeiras são ocupadas por pesquisadores, compositores e intérpretes musicais de diversas regiões do país, contando ainda com membros correspondentes e honorários.

A título de exemplo, a Cadeira de número 1 foi fundada por Villa-Lobos e tem por patrono o jesuíta José de Anchieta, enquanto a de número 40 tem Mário de Andrade por patrono. Logo, esse "colegiado" acolhe um número significativo de representantes da música brasileira pois soma os ocupantes atuais e os já falecidos em processo dinâmico de renovação do quadro através da eleição pelos pares.

Uma análise superficial dos perfis de seus atuais membros aponta para a predominância de compositores entre os ocupantes das 40 cadeiras, algo em torno de 40%. Embora muitas vezes seja difícil individualizar tais perfis, porque é comum os compositores dedicarem-se à regência, ou os intérpretes se exercitarem na pesquisa, o restante do quadro geral revela certo equilíbrio com 20% de intérpretes, 20% de regentes e 20% de musicólogos. E o mesmo não se pode afirmar em relação à presença feminina, pois apenas nove das 40 cadeiras são ocupadas por mulheres.

Com o falecimento do musicólogo Vasco Mariz, a 16 de junho de 2017, a Cadeira de número 40 ficou vaga. Como musicóloga, fui eleita para ocupá-la, tomando posse no mês de dezembro. Na ocasião, André Cardoso era o presidente, [illegible] o vice-presidente, e a saudação foi proferida por Maria Alice Volpe.

No discurso de posse abordei alguns aspectos da obra de Mário de Andrade, o patrono da Cadeira, destacando as principais contribuições dele para o conhecimento da música do Brasil. Falecido em 1945, aos 51 anos de idade, teve na música o segmento principal –, [illegible] ministrando disciplinas no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo – História da Música, em particular – [illegible].

Utilizei a localização geográfica da Academia Brasileira de Música para destacar os principais elementos de contato entre o musicólogo e a cultura musical, tendo em vista que no Rio de Janeiro viviam seus principais interlocutores. Através de diálogos epistolares, de visitas constantes à então Capital Federal e durante o período em que ali viveu, foi possível destacar, por exemplo, que às vésperas da Semana de Arte Moderna já se estabelecia intensa colaboração de trabalho entre os intelectuais que moravam nas duas maiores cidades do país.

Na militância pelo preparo intelectual dos jovens músicos destaquei a parceria de Mário de Andrade com A. de Sá Pereira na direção da revista **Ariel**, que circulou como publicação voltada exclusivamente à música entre os anos de 1923 e 1924, momento em que o músico paulista passa a cultivar a interlocução com Renato de Almeida, Villa-Lobos, Manuel Bandeira e Luciano Gallet, com os quais tratou dos aspectos mais sensíveis de seu programa para uma estética renovada da linguagem musical brasileira.

Por se tratar de um discurso de posse, só foi possível perfilar os traços do musicólogo, que, de sua bancada na Rua Lopes Chaves, em São Paulo, no final da década de 1920 intensifica sua atividade de pesquisa em campo, sistematizando a coleta de bailados e cantigas sobretudo na viagem de 1928 ao Norte e ao Nordeste. A atividade do pesquisador musicólogo frutifica em dezenas de projetos com livros e artigos publicados ao longo da década de 1930 abrindo espaço para o empreendedor que entre 1935 e 1938 luta pela institucionalização da música na condição de diretor do Departamento de Cultura: cria um quarteto e um trio de cordas, um coral popular, um madrigal lírico, o Coral Paulistano; cria concursos para obras para banda, música sinfônica e música coral; lança a pedra fundamental para a construção da Biblioteca Municipal. Ao mesmo tempo, cria uma biblioteca circulante, estimula as atividades educativas nos parques infantis promovendo projetos voltados para a integração das artes, organiza o Congresso da Língua Nacional Cantada. Ainda na esfera do ensino das Ciências Sociais e Antropologia, quanto na da Música, Mário de Andrade contrata Dina Lévi-Strauss para ministrar o curso de Etnografia e Folclore, elabora, com Rodrigo Melo Franco de Andrade, o anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e envia a Missão de Pesquisas Folclóricas ao Norte e Nordeste do país em 1938.

Reforçando a imagem de que Mário de Andrade tomara assento na Cadeira da Academia Brasileira de Música, logo que seria situada na cidade do Rio de Janeiro, mesmo antes de sua fundação, lembrei que, ao deixar o cargo que ocupava na Prefeitura de São Paulo, Mário de Andrade mudou-se para o Rio de Janeiro no segundo semestre de 1938 tendo por endereço a Rua Santo Amaro, 5, no bairro da Glória. Em 1940 a mudança para Santa Teresa aumenta sua sensação de isolamento e no ano seguinte ele volta para a cidade natal, onde faleceu a 25 de fevereiro de 1945.

Para concluir o meu discurso como nova acadêmica, filha de George Olivier Toni, agradeci a acolhida da ABM entendendo que a entidade foi calorosa ao me oferecer uma Cadeira ampla o suficiente para que [illegible] pelo fato de ambos – Mário de Andrade e Olivier Toni – gostarem do compositor russo D. Shostakovitch, já estariam conversando animados sobre esse e outros temas musicais.

Flávia Camargo Toni
Professora – IEB/USP

●●●

[evento)

Mesa-redonda "Desafios e perspectivas da pesquisa interdisciplinar em história do direito" e lançamento da Rede de História do Direito

No dia 8 de novembro de 2017, realizou-se no IEB/USP a mesa-redonda "Desafios e perspectivas da pesquisa interdisciplinar em história do direito", organizada pelo Grupo de Pesquisa (certificado pelo CNPq), sediado no Laboratório Interdisciplinar do IEB (LabIEB). A Rede é uma iniciativa conjunta do Instituto de Estudos Brasileiros e da Faculdade de Direito da USP.

Participaram da mesa, além dos dois coordenadores da Rede – profa. Monica Duarte Dantas (IEB/USP) e prof. Samuel Barbosa (FD/USP) –, os professores Airton Cerqueira Seelaender (UnB), Beatriz Galotti Mamigonian (UFSC) e Ivan de Andrade Vellasco (UFSJ).

Os participantes, partindo cada qual de suas experiências em pesquisas na área, destacaram os problemas e desafios colocados para o trabalho dos pós-graduandos e relacionados às oportunidades das pesquisas que visam superar a falta de diálogo entre as áreas. Historiadores podem se beneficiar da expertise dos juristas que têm maior familiaridade com a semântica das categorias jurídicas, ao passo que os juristas devem incorporar com mais ênfase a contribuição dos contextos para localizar as práticas do direito. O uso dos processos judiciais e dos debates parlamentares como fontes primárias serviu de exemplo para a discussão dos ganhos de uma colaboração mais estreita entre os pesquisadores das duas áreas. Foi destacado que a formação de pós-graduandos que cursam disciplinas nas duas áreas e que cruzam com mais facilidade as fronteiras disciplinares é uma novidade fecunda para o futuro das pesquisas no campo da História do Direito.

A Rede reúne pesquisadores colaboradores internacionais (Portugal, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos) e pesquisadores nacionais de 18 diferentes universidades, de dez estados do Brasil. É uma rede que aposta na colaboração mais estreita entre historiadores e juristas para a realização de pesquisas conjuntas e de encontros acadêmicos. Para a listagem completa de todos os participantes, ver http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3367431250015934.

A Rede está organizada em duas linhas de pesquisa:

1. Constelações normativas

A concepção do direito em termos de legislação e jurisdição estatal é muito influente na historiografia do direito. O enquadramento do Estado Nacional, a organização e funcionamento regular dos parlamentos e tribunais estatais, a mudança rotineira do direito por meio das leis têm contribuído para a ênfase na criação e aplicação de regras explícitas. Essa linha de pesquisa alarga e problematiza essa concepção. Tanto no Estado Nacional, quanto em outros enquadramentos (v.g. Império), a comunicação jurídica faz referência a outras ordens normativas, depende de regras implícitas e de saberes sociais disponíveis. A legislação é um modo de normatividade que concorre com outras ordens normativas (religiosas, costumeiras). Ao lado da jurisdição, há uma miríade de modos de composição dos conflitos. Outra dimensão fundamental é o trabalho dos letrados que interpretam as ordens normativas, instruem as partes sobre como agem em juízo, orientam no cotidiano a realização dos negócios jurídicos. Há, pois, uma agenda aberta de questões que merecem aprofundamento: como as ordens normativas, categorias e discursos dos letrados circulam, são traduzidos e vernacularizados, como a comunicação jurídica é apresentada nos media (impressos, imagens, performances), como se relaciona o saber jurídico com a ecologia de saberes em cada conjuntura.

2. Disputas no Direito, tensões na História

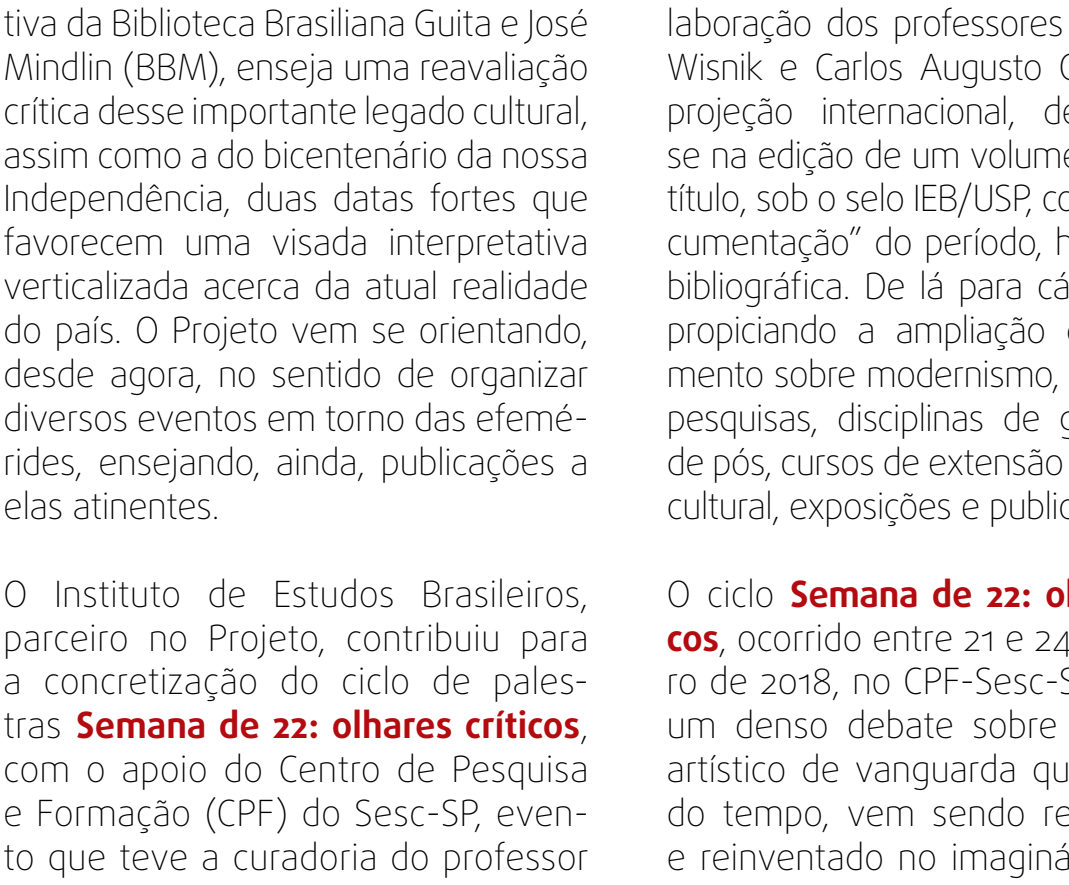
Como o direito adquire significado nas disputas entre diferentes sujeitos históricos é um questionamento central para a historiografia. O estudo da agência tem descortinado o processo de formação social do direito ao pesquisar seus usos por sujeitos diversos (dos escravos, [illegible]), passando por outros enquadramentos como avisos, arestos e assentos), bem como as estratégias judiciais. As lutas para interpretar o direito e negociar seus sentidos enfatizam os contextos formais (como o Parlamento e o Judiciário) e informais. São disputas que evidenciam os conflitos entre sujeitos divergentes de diferentes experiências, [illegible] tensões, a manutenção e alteração do status quo, [illegible] do direito constitui um repertório a informar as disputas políticas e sociais nas mais diversas conjunturas, que, por sua vez, também implicam reinterpretações contínuas do direito. Essa linha de pesquisa abriga esses trabalhos com atenção para os jogos de escala, visando à articulação entre as disputas que ocorrem na dimensão micro e os processos históricos mais amplos.

Monica Duarte Dantas
Professora – IEB/USP

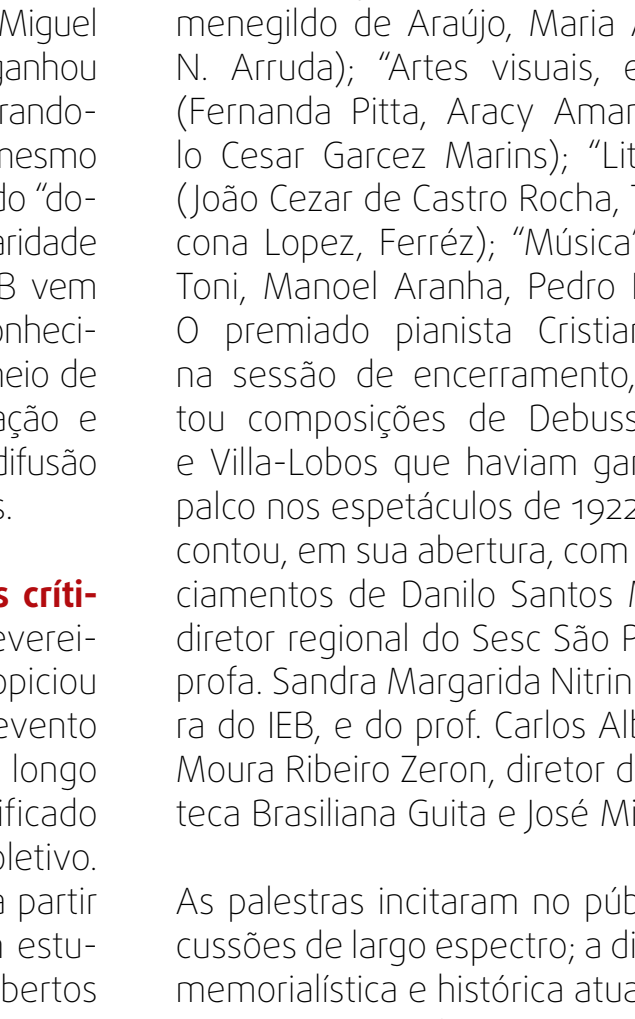
Samuel Barbosa
Professor – FD/USP

●●●

[aconteceu)



Mural – Semana de Arte Moderna, de Karine Guerra. Centro de Pesquisa e Formação do Sesc – SP



Semana de 22: olhares críticos

Em fevereiro 2022, a Semana de Arte Moderna irá comemorar 100 anos de sua realização no Theatro Municipal de São Paulo. O Projeto **3 vezes 22**, iniciativa da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBM), enseja uma reavaliação crítica desse importante legado cultural, assim como a do bicentenário da nossa Independência, duas datas fortes que favorecem uma visada interpretativa verticalizada acerca da atual realidade do país. O Projeto vem se orientando, desde agora, no sentido de organizar diversos eventos em torno das efemérides, ensejando, ainda, publicações a elas atinentes.

O Instituto de Estudos Brasileiros, parceiro no Projeto, contribuiu para a concretização do ciclo de palestras **Semana de 22: olhares críticos**, com o apoio do Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc-SP, evento que teve a curadoria do professor Marcos Antonio de Moraes (IEB) e de Maurício Trindade (Sesc-SP). O IEB, intimamente ligado ao modernismo, considerando-se, em princípio, o expressivo número de pesquisas em torno do acervo do escritor Mário de Andrade, cuja biblioteca, arquivo e coleção de artes visuais se encontram sob a guarda da instituição desde 1967. Em 1972, a exposição **Brasil: primeiro tempo modernista 1917/29**, organizada pelas professoras do IEB Marta Rossetti Batista, Telê Ancona Lopez e Yone Soares de Lima, com a colaboração dos professores José Miguel Wisnik e Carlos Augusto Calil, ganhou projeção internacional, desdobrando-se na edição de um volume de mesmo título, sob o selo IEB/USP, contendo "documentação" do período, hoje raridade bibliográfica. De lá para cá, o IEB vem propiciando a ampliação do conhecimento sobre modernismo, por meio de pesquisas, disciplinas de graduação e de pós, cursos de extensão e de difusão cultural, exposições e publicações.

O ciclo **Semana de 22: olhares críticos**, ocorrido entre 21 e 24 de fevereiro de 2018, no CPF-Sesc-SP, propiciou um denso debate sobre um evento artístico de vanguarda que, ao longo do tempo, vem sendo ressignificado e reinventado no imaginário coletivo. As mesas-redondas, definidas a partir de núcleos temáticos, reuniram estudiosos da área, em diálogos abertos para a interdisciplinaridade: "Memorialismo: história da Semana de Arte Moderna" (Marcos Antonio de Moraes, Maria Augusta Fonseca, João Fábio Bittencourt); "Personagens, sociabilidades" (Carlos Augusto Calil, Eduardo Coelho, Maurício Trindade); "Revisitar (criticamente) a Semana de 22" (Maria Eugenia Boaventura, Frederico Coelho, Marcos Augusto Gonçalves); "Repercussões regionais da Semana de 22" (Sérgio Miceli, Humberto Hermenegildo de Araújo, Maria Arminda N. Arruda); "Artes visuais, espaços" (Fernanda Pitta, Aracy Amaral, Paulo Cesar Garcez Marins); "Literatura" (João Cezar de Castro Rocha, Telê Ancona Lopez, Ferréz); "Música" (Flávia Toni, Manoel Aranha, Pedro Fragelli). O premiado pianista Cristian Budu, na sessão de encerramento, executou composições de Debussy, Satie e Villa-Lobos que haviam ganhado o palco nos espetáculos de 1922. O ciclo contou, em sua abertura, com pronunciamentos de Danilo Santos Miranda, diretor regional do Sesc São Paulo, da profa. Sandra Margarida Nitrini, diretora do IEB, e do prof. Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, diretor da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

As palestras incitaram no público discussões de largo espectro, a dimensão memorialística e histórica atualizou-se em questões estéticas, sociais e políticas presentes, sinal de que a Semana de 22, com seu caráter inquieto e provocativo, continua na ordem do dia.

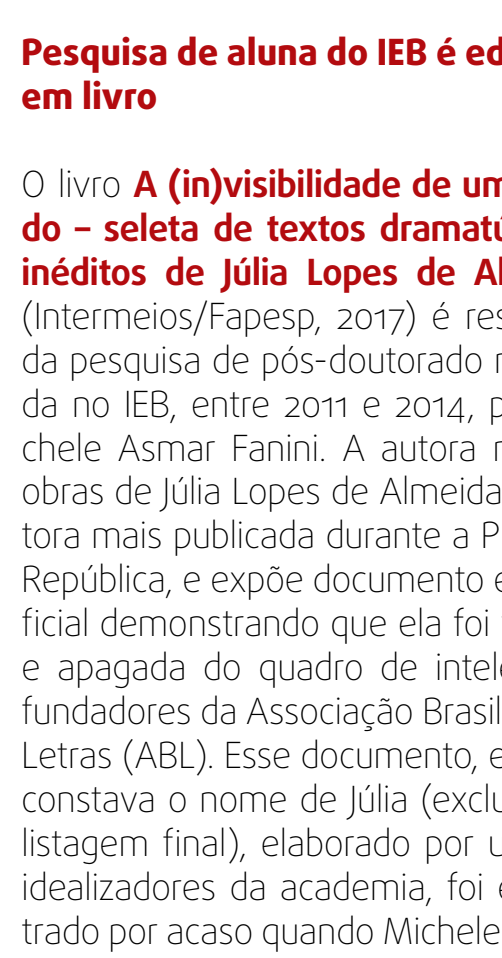
Marcos Antonio de Moraes
Professor – IEB/USP

●●●

[notícias do IEB)

Energia fotovoltaica

O IEB tem uma estação que converte a luz do sol em energia elétrica instalada na laje do prédio do Espaço Brasiliana. Faz parte da Usina Solar Fotovoltaica do Instituto de Energia e Ambiente da (IEE), que totaliza quatro subsistemas que se integram ao sistema de eletricidade do **campus**, com potência total de 540 kW, representando o equivalente a 1% da demanda anual da USP. Roberto Zilles, o professor que coordenou o projeto, dá outras informações em: www.youtube.com/user/TVUSPonline.



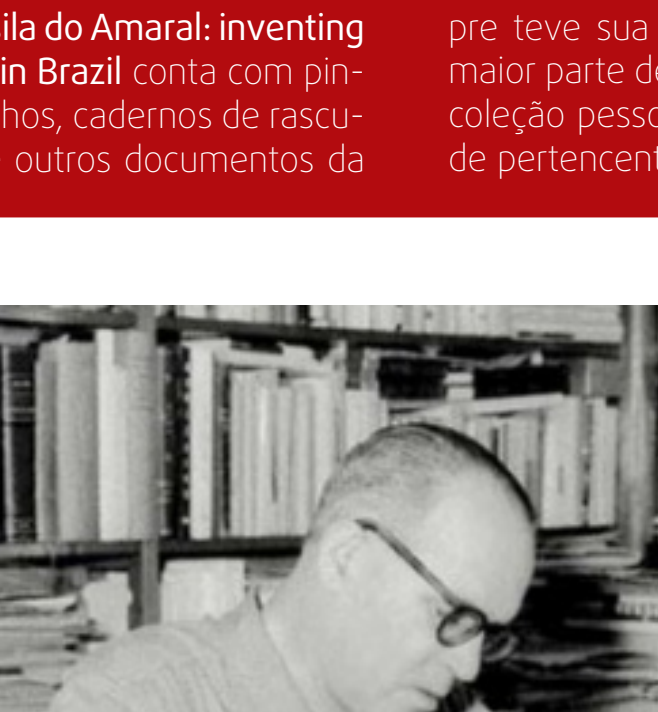
MICHELE ASMAR FANINI
A (IN)VISIBILIDADE DE UM LEGADO
Seleta de textos dramatúrgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida
FAPESP
intermeios

Pesquisa de aluna do IEB é editada em livro

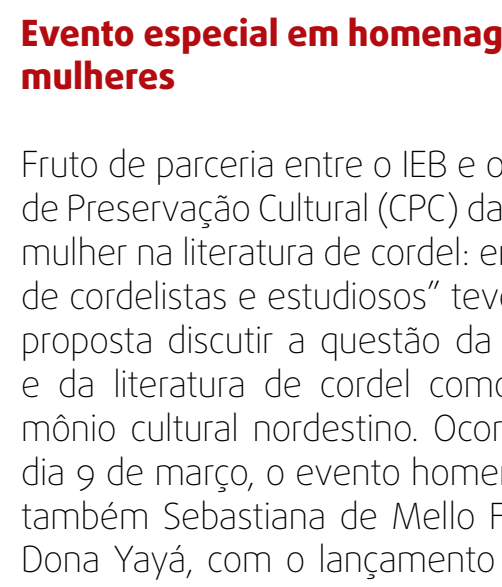
O livro **A (in)visibilidade de um legado – seleta de textos dramatúrgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida** (Intermeios/Fapesp, 2017) é resultado da pesquisa de pós-doutorado realizada no IEB, entre 2011 e 2014, por Michele Asmar Fanini. A autora resgata obras de Júlia Lopes de Almeida, escritora mais publicada durante a Primeira República, e expõe documento extraoficial demonstrando que ela foi vetada e apagada do quadro de fundadores da Associação Brasileira de Letras (ABL). Esse documento, em que constava o nome de Júlia (excluído na listagem final), elaborado por um dos idealizadores da academia, foi encontrado por acaso quando Michele iniciou seu doutorado. A obra destaca a importância dessa escritora (autora de peças de teatro, crônicas, contos e poemas) e suas dificuldades para enfrentar barreiras de gênero que a relegaram a uma espécie de ostracismo intelectual.

Exposição no MoMA

O Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) expõe, de 7 de fevereiro a 3 de junho, as obras **A negra** (1923), **Abaporu** (1928) e **Antropofagia** (1929) de Tarsila do Amaral (1886-1973) em mostra individual dedicada à artista. Com curadoria de Stephanie d'Alessandro (Instituto de Arte de Chicago) e de Luis Pérez-Oramas (MoMA), a exposição **Tarsila do Amaral: inventing modern art in Brazil** conta com pinturas, desenhos, cadernos de rascunho, fotos e outros documentos da fase mais conhecida de Tarsila (décadas de 1920-1930). O IEB enviou **O mamoeiro** (1925), quatro fotografias, oito desenhos (incluindo um esboço para **A negra**), exemplar de **Pau-Brasil** (livro de poesias de Oswald de Andrade ilustrado pela artista), catálogo e capa do programa da Semana de Arte Moderna de 1922 (da qual Tarsila não participou mas à qual sempre teve sua imagem associada). A maior parte desses itens faz parte da coleção pessoal de Mário de Andrade pertencente ao IEB.

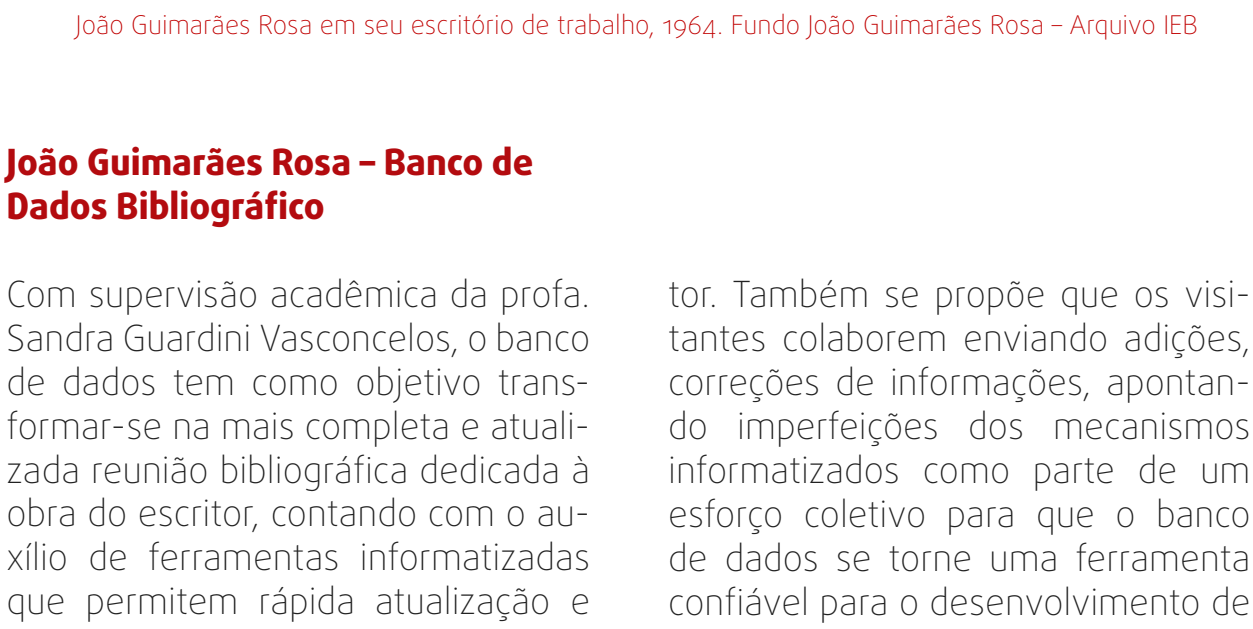


O mamoeiro (1925), de Tarsila do Amaral, faz parte da Coleção Mário de Andrade pertencente ao IEB



Evento especial em homenagem às mulheres

Fruto de parceria entre o IEB e o Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, "A mulher na literatura de cordel: encontro de cordelistas e estudiosos" teve como proposta discutir a questão da mulher e da literatura de cordel como patrimônio cultural nordestino. Ocorrido no dia 9 de março, o evento homenageou também Sebastiana de Mello Freire, a Dona Yayá, com o lançamento do primeiro cordel da USP em parceria com a Casa de Dona Yayá, por iniciativa do prof. Paulo Iumatti. De autoria de Varneci Nascimento e com xilogravura da artista plástica Marina Januzzi Nabuco, o cordel De Sebastiana a Dona Yayá conta a vida da última moradora da hoje casa-sede do CPC no bairro do Bexiga, cuja história faz parte das referências culturais da cidade de São Paulo. O debate teve a participação de Cleusa Santo (Cascordel), Elisabete Marin Ribas (IEB), Marina Januzzi Nabuco (xilogravurista), Fanka Santos (Urca), Monica Junqueira (FAU/USP), Paulo Iumatti (IEB), Rosilene Alves de Melo (UFCG), Varneci Nascimento (cordelista).



João Guimarães Rosa em seu escritório de trabalho, 1964. Fundo João Guimarães Rosa – Arquivo IEB

João Guimarães Rosa – Banco de Dados Bibliográfico

Com supervisão acadêmica da profa. Sandra Guardini Vasconcelos, o banco de dados tem como objetivo transformar-se na mais completa e atualizada reunião bibliográfica dedicada à obra do escritor, contando com o auxílio de ferramentas informatizadas que permitem rápida atualização e localização e ordenamento de informações mais eficiente. Em constante atualização e desenvolvimento, a proposta é conduzir uma compilação sistemática da abundante quantidade de estudos que tematizam o autor. Também se propõe que os visitantes colaborem enviando adições, correções de informações, apontando imperfeições dos mecanismos informatizados como parte de um esforço coletivo para que o banco de dados se torne uma ferramenta confiável para o desenvolvimento de pesquisas sobre Guimarães Rosa. A responsabilidade técnica e a gestão de conteúdo estão a cargo de Frederico Antonio C. Camargo. Disponível em: https://www.usp.br/bibliografia/index.php?s=grosa.

Arquivos dos professores Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza

Teve início no dia 2 de abril de 2018 mais uma parceria estabelecida entre o IEB e o Itaú Cultural, desta vez para o tratamento dos arquivos pessoais de Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza, doados ao Instituto em dezembro de 2017.

Os trâmites foram apoiados pela família dos professores, representada por sua neta, Laura Escorel.

Os arquivos se encontram integralmente no IEB desde março deste ano, tendo começado sua transferência em dezembro de 2017. Acaba de se iniciar o processo de tratamento protocolar desse material, visando à abertura à pesquisa pública. Cerca de 45 mil documentos dentre cadernos, fotografias, planos de aula e até uma rica coleção de discos de vinil, no decorrer de 20 meses de intenso trabalho de processamento técnico, serão higienizados, descritos e digitalizados, para poderem ser acessados por pesquisadores do âmbito nacional e internacional.

Um dos primeiros frutos do projeto será a Ocupação Antonio Candido, prevista para maio de 2018 no Itaú Cultural. A exposição marca o centenário do professor.

Devido à importância do acervo e à longevidade do projeto, em breve, novas notícias sobre o avanço dos trabalhos técnicos e o desenvolvimento de pesquisas com esse precioso acervo público serão apresentadas no **Informe IEB**.

Se você tiver alguma indicação de pauta para o próximo Informe IEB, pode enviá-la para informeieb@usp.br. Agradecemos sua colaboração.

[expediente)

Instituto de Estudos Brasileiros

Profª. Drª. Sandra Margarida Nitrini
Diretora

Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti
Vice-diretor

Organização

Maria Izilda Claro Nascimento Fonseca Leitão

Produção

Cleusa Conte Machado
Revisão e preparação de textos

Flavio Alves Machado
Diagramação

Eduardo Junqueira
Projeto gráfico

●●●